
Editorial

Vicente Eduardo Ribeiro MARÇAL¹

Abre-se na densa Floresta Amazônica uma Clareira. Contudo, não é mais uma incidência do desmatamento ganancioso e desmedido que sempre se tem notícia. Ao contrário, é uma nova maneira de se expressar diante das particularidades que a Região Norte do Brasil possui. Em vez de derrubar árvores e abrir chagas na Amazônia essa Clareira reúne acadêmicos, do Brasil e fora dele, com ampla variedade de interesses intelectuais, empenhados em fomentar, à luz dos temas originários da tradição filosófica, debates e discussões relativos a questões contemporâneas, em especial, no encontro de tal tradição com a realidade da floresta Amazônica.

Sim, uma nova revista acadêmica de Filosofia, mas com propósito um tanto ousado: ser expressão da produção filosófica que acontece alijada dos grandes centros e fincada no coração da Amazônia. Mas, ao mesmo tempo, congregando a produção feita no e a partir dos grandes centros. Assim, não quer ser excludente, ao contrário, quer congrega a diversidade da produção filosófica brasileira e internacional.

Que outro nome tal revista acadêmica poderia ter que não Clareira? O termo Clareira foi retirado da filosofia de Martin Heidegger e deriva da palavra alemã *Lichtung*, cujo significado possível é uma clareira na floresta. Mas cujas raízes em *Licht* - a palavra alemã para luz - foram reabilitadas por Heidegger e incorporadas no seu pensamento filosófico, de modo que *Lichtung* refere-se a um lugar aberto, facultado aos entes para os quais a verdade vem à tona, para descobrir e afirmar a realidade que se nos apresenta, sendo este o motivo pelo qual essa revista foi criada: ser uma clareira na floresta pela qual a luz da busca da verdade possa se expressar.

Trabalho árduo, afinal na periferia nada é simples, muito menos fácil. Tem-se, assim, a reunião de professores/pesquisadores que não são naturais, propriamente, da região norte, mas que aqui se instalaram e fincaram suas raízes e daqui erguem suas

¹ Editor responsável

vozes com o intuito de lançar, cada vez mais, luz às questões mais intrigantes que a tradição filosófica vem abordando a mais de dois mil e quinhentos anos.

Desta feita, a revista está vinculada institucionalmente ao Departamento de Filosofia da UNIR - Universidade Federal de Rondônia, que a acolheu desde sua semente e ofereceu solo fecundo para que pudesse germinar. Mas, não poderia germinar e crescer sem o cuidado e o trabalho árduo de outros Departamentos e Professores de Filosofia da Região Norte. Assim, a semente da Clareira é plantada no solo fértil do Departamento de Filosofia da UNIR, mas conta com o apoio institucional da Universidade Estadual de Roraima, da Universidade Federal de Roraima, da Universidade Estadual do Amapá, da Universidade Federal do Amazonas e da Universidade Federal de Tocantins.

Neste primeiro número da Clareira - Revista de Filosofia da Região Norte, contamos com a participação de pesquisadores de todo o país. Abre esse número o artigo intitulado "Críticas aos fundamentos da Psicologia e sua possibilidade enquanto ciência" de Rafael dos Reis Ferreira, no qual apresenta a argumentação constante nas notas de Rush Rhees, escritas na década de 40 do século passado, denominada Conversações sobre Freud, referentes a suas conversas com Wittgenstein; argumentos os quais sustentam algumas de suas críticas centrais aos fundamentos da Psicologia e, também, aos fundamentos da Psicanálise enquanto ciências.

O segundo artigo, intitulado "Pedro Abelardo Professor: O Ensino de Filosofia no Século XII", sua autora, Edsel Pamplona Diebe, propõem apresentar o filósofo Pedro Abelardo (1079-1142) como professor, seu método de trabalho e a herança que recebeu da filosofia grega cristianizada.

Na sequência temos o artigo "Considerações sobre a causação descendente: um problema difícil" em que seus autores Daniel Luporini de Faria e Helena da Silva Souza avaliam criticamente o difícil problema da causação descendente. Mediante análise das propostas filosóficas de resolução do problema oferecidas por Kim, Searle, Davidson e Bunge.

No artigo “A constituição fisiológica de Nietzsche/Zaratustra: da doentia libertação do espírito a salutar e solitária altura das montanhas”, Francisco Leidens busca discriminar a especificidade fisiológica do período intermediário da produção nietzschiana, sobretudo enquanto transição de uma constituição doentia para a consolidação da saúde.

O artigo “A Interpretação de Putnam das palestras sobre Crença Religiosa de Wittgenstein”, Alison Vander Mandeli discute a proposta interpretativa de Putnam das Palestras sobre crença religiosa (Palestras) de Wittgenstein. Para tanto, divide o texto em dois momentos: primeiramente discute algumas das ideias contidas nas Palestras, principalmente a concepção de que, apesar das aparências, crentes e não-crentes religiosos não estariam contradizendo um ao outro. No segundo momento, apresenta e discute a forma pela qual Putnam refuta duas interpretações *prima facie* plausíveis das Palestras: uma interpretação via incomensurabilidade entre o discurso religioso e não religioso e uma interpretação emotivista da linguagem religiosa.

Na sequência temos o artigo “Sobre o lugar social da Filosofia”, no qual os autores Rosalvo Schütz e Luis Vicente Vieira discutem que, mesmo tendo se desenvolvido inicialmente na praça pública grega, a filosofia geralmente é considerada como apartada do mundo, especialmente da política. Isto, no entanto, não torna o filosofar uma atividade indiferente para a sociedade. Principalmente que os potenciais específicos da filosofia são necessários para a compreensão/diagnóstico da realidade a partir de um olhar metafísico, revelando possibilidades inéditas. É, com o objetivo de demonstrar este potencial, que ensaiam, a partir deste artigo, uma tematização filosófica dos Movimentos Sociais na atualidade.

O artigo “O Homem natural como fundamento do Estado em Rousseau”, de Maykon Cristiano Jorge propõem apresentar as principais características do conceito de homem em seu estado de natureza e as principais implicações deste conceito para a formação da sociedade, sejam estas implicações enquanto análise da sociedade vigente à época de Rousseau.

O artigo “O cinismo e a exaltação da Filosofia prática”, escrito por Rafael Parente Ferreira Dias, tem por objetivo apresentar o posicionamento do movimento cínico frente aos convencionalismos sociais e todo tipo de conhecimento que esteja desvinculado da vida prática.

Já no artigo “Kierkegaard: A Suspensão Ética e a Imparidade do Indivíduo” de Márcio de Lima Pacheco objetiva analisar em *Temor e Tremor*, obra de Kierkegaard, como se dá a Suspensão ética e a imparidade do Indivíduo. Para tanto, será necessário explicar os três estádios da existência, dialogando com os pseudônimos kierkegardianos, a fim de compreendermos porque, no escândalo, Abraão se faz cavaleiro da fé e não herói trágico.

Ronie Alexsandro Teles Silveira apresenta-nos o artigo “Filosofia e Aventura”, no qual entende a forte influência do dualismo platônico e os desdobramentos do saber absoluto hegeliano levaram ao questionamento da eficácia da Filosofia, impasse esse que a leva ou a aventurar-se por terrenos pantanosos ou lançar luzes à busca pela verdade.

Por fim, mas não menos importante o autor Gilmar Henrique da Conceição brinda-nos com o artigo “Filosofia e Literatura” no qual explora o importante vínculo entre a Filosofia e a Literatura a partir de reflexões sobre a subjetividade relacionando Montaigne e Fernando Pessoa.

São essas as primeiras vozes a se fazerem ouvir (ou ler) na Clareira. Que elas possam ecoar entre os pesquisadores em Filosofia e que debates possam se originar a partir delas. E que muitas outras vozes venham a se erguer da Clareira que ora abrimos para o pensamento filosófico brasileiro.

Boa leitura a todos.